



A identidade da literatura infantil contemporânea a partir da análise de aspectos provenientes da narrativa mítica

Luciana Carnial

RESUMO

O intuito deste artigo é demonstrar, utilizando a obra **A Casa da Madrinha**, de Lygia Bojunga, como paradigma, que na literatura infantil contemporânea encontramos traços da narrativa mítica. Por meio do reconhecimento destes, do estudo das semelhanças entre o “homem primitivo” e a criança, é possível compreender melhor a identidade das obras destinadas a estes receptores específicos.



ABSTRACT

The objective of this article is to show, using the book "A Casa da Madrinha", from Lygia Bojunga like a model, that in the actual infantile literature we find characteristics of mythic narratives. Recognizing these and studying the similes between a child and a 'primitive men', we could understand better the identity of the narratives designates from this specific lectors.



PALAVRAS-CHAVE

Literatura, Mito, Primitivo, Criança



KEY WORDS

Literature, Myth, Primitive, Child

"Meu enleio vem de que um tapete é feito de tantos fios que não posso me resignar a seguir um fio só; meu enredamento vem de que uma história é feita de muitas histórias"

(Clarice Lispector)

A abordagem da “trajetória” do mito à filosofia, do analógico ao racional (passando por características míticas em textos filosóficos e posteriormente a exclusão destas) instiga a uma análise da estrutura do pensamento humano. Estudos comprovam que o raciocínio infantil é basicamente analógico, de acordo com o “amadurecimento” (conservamos ainda as duas características- a concretude e a abstração), mas tendemos a nos tornar cada vez mais racionais e, é necessário que haja um esforço para que a lógica não se torne a única forma de raciocínio em detrimento (subestimação) do analógico. É possível detectar uma série de semelhanças na história da filosofia e do homem, da filosofia e da humanidade. De acordo com Joseph Campbell, é necessário um treinamento para abrir os ouvidos, para que se possa ouvir metaforicamente em vez de literalmente. Este treinamento exige que o Homem pense como criança, como o homem primitivo.

O homem primitivo¹ a princípio não compreendia o que acontecia ao seu redor, nem se “autoconhecia”. Existia a necessidade de resgatar a sua história, era preciso explicar de alguma forma o surgimento e o porquê dos rituais, os mistérios e os fenômenos da natureza. Foi assim que o Homem passou a narrar. Por isso, o termo Mito (*mýthos*) é comumente associado à narrativa, à fala.

Ao nascerem, as fábulas eram narrações verdadeiras e graves, foram inclusive definidas como *vera narratio*. (ELIADE, 1963, p. 7), examinando esta relação entre mito e verdade afirma que:

Há mais de meio século, os eruditos ocidentais passaram a estudar o mito por uma perspectiva que contrasta sensivelmente com a do século XIX, por exemplo. Ao invés de tratar como seus predecessores, o mito na acepção usual do termo, i.e., como fábula, invenção, ficção, eles o aceitaram tal qual era compreendido pelas sociedades arcaicas, onde o mito designa, ao contrário, uma história verdadeira e ademais, extremamente preciosa por seu caráter sagrado, exemplar e significativo.

Os homens jamais duvidavam deles. O fato do sol nascer e se pôr todos os dias justificava, por exemplo, o mito referente à sua origem. O que contradiz a definição de Mito enquanto algo mentiroso, irreal, inverossímil. Para Platão, o mito constituía a “via humana mais curta” para a persuasão, pois, em conjunto, seu domínio é representado pela zona que fica além do círculo estrito do pensamento racional na qual só é lícito aventurar-se com suposições verossímeis.

Características das narrativas míticas são comumente encontradas nas obras da autora Lygia Bojunga. Utilizaremos “A casa da madrinha” como paradigma tanto para constatar estas semelhanças, como a presença da herança mítica na literatura infantil contemporânea: o personagem principal, Alexandre, nem por um momento duvida das histórias contadas por seu irmão Augusto, muito menos da existência deste lugar paradisíaco (revelado por ele), a casa da madrinha. Vera² sugere para Alexandre a possibilidade de que esse lugar não exista, senão como produto de uma das histórias que seu irmão Augusto inventou para ele dormir. Ele inquire Vera sobre essa sua “certeza”. Até o momento em que Alexandre descobre (a partir daí menospreza a indagação) ser esta a “verdade” dos pais de Vera, portanto, não pertencentes ao seu universo de compreensão, o universo infantil. - “Já tinham me avisado que gente grande tem uma inveja danada de madrinha de gente pequena”.

[...] – Ora, todo mundo sabe que madrinha só curte afilhado pequeno; cresceu, pronto: madrinha não liga mais. Então tudo que é gente grande vive por fora dessa história de madrinha. E aí já viu, não é? Bate a inveja (BOJUNGA, 2003, 127-128)”

Nas sociedades em que o mito ainda está vivo, os indígenas distinguem cuidadosamente os mitos (histórias verdadeiras), das fábulas ou contos, que consideram histórias falsas. Os mitos não são histórias ficcionais, muito menos elaboradas ou narradas por homens na fase infantil de seu desenvolvimento. “Todos são verdadeiros em diferentes sentidos. Toda a mitologia tem a ver com a sabedoria de vida, relacionada a uma cultura específica, numa época

específica. Integra o indivíduo na sociedade e a sociedade no campo da natureza" (CAMPBELL, 1990: 58).

A relação do homem primitivo com tudo ao seu redor era sensorial. As primeiras palavras não representavam o objeto arbitrariamente, tendiam a imagnetizar o mundo. Para eles, a denominação era análoga à coisa nomeada. Esta linguagem primeira não era referencial com fins meramente de comunicação. Os animais (as abelhas, por exemplo) se comunicam, mas o Homem representa, expressa. Para (HUIZINGA, 1938, p. 7):

É a linguagem que lhe permite distinguir as coisas, defini-las e constatar-las, em resumo, designá-las e com essa designação elevá-las ao domínio do espírito. Na criação da fala e da linguagem, brincando com essa maravilhosa faculdade de designar, é como se o espírito estivesse constantemente saltando entre a matéria e as coisas pensadas. Por detrás de toda expressão abstrata se oculta uma metáfora, e toda metáfora é jogo de palavras. Assim, ao dar expressão à vida, o homem cria um outro mundo, um mundo poético, ao lado do da natureza.

Para o homem primitivo, o conhecimento era um instrumento para "manipular" a natureza. "[...] Conhecer a origem de um objeto, de um animal ou planta, equivale a adquirir sobre eles um poder mágico, graças ao qual é possível dominá-los, multiplicá-los ou reproduzi-los à vontade. (ELIADE, 1963, 19)". O personagem Alexandre, por meio da imaginação (invenção) cria um cavalo e designa para ele um nome: Ah. Além do nome que o designa, Alexandre escolhe suas qualidades, como a cor, amarela. "Transportando" (como um xamã) Vera para este tempo mítico, aceita a sua participação na "criação" ao acatar a sua idéia de rabo laranja. Mas, em relação à asa, sugerida por Vera, ele afirma ser dispensável por se tratar de um cavalo com bom galope. A palavra mítica é criadora, nesse sentido ritualística, teatral, pois ela não diz o gesto criador, mas o encena e o incorpora, recriando (presentificando) sempre pela primeira vez e pela via da metáfora, a cena pri-

mordial. A palavra mítica tem o poder de colocar o Homem em contato com um tempo primordial, um momento inaugural, em que ele, o cosmo, os animais, vegetais e as instituições são criadas. Sobre o tempo, (ELIADE, 1963, p. 21) conceitua o tempo mítico e a sua presentificação:

[...] Recitando ou celebrando o mito da origem, o indivíduo deixa-se impregnar pela atmosfera sagrada na qual se desenrolaram esses eventos miraculosos. O tempo mítico das origens é um tempo 'forte', porque foi transfigurado pela presença ativa e criadora dos Entes sobrenaturais. Ao recitar os mitos reintegra-se àquele tempo fabuloso e a pessoa torna-se conseqüentemente 'contemporânea', de certo modo, dos eventos evocados, compartilha da presença dos Deuses ou dos Heróis

Neste episódio, ao criar Ah, Alexandre tapa com uma folha o mostrador do relógio de Vera. Enquanto a personagem Vera e seus pais baseiam-se no tempo cronológico, Alexandre vive o tempo mítico, imita por meio da imaginação o ato criador de heróis, semi-deuses ou deuses (na casa da madrinha-espaço mítico-, os relógios não funcionam, perde-se totalmente a noção do tempo cronológico, é um eterno presente). Consciente do tempo cronológico, a personagem Vera tenta aprisionar Alexandre na eternidade do presente (no tempo do sonho), neste não-tempo nem espaço: "E se eu vou embora devagarzinho pra não fazer barulho e ninguém acordar? E se eu fecho a casa e prendo Alexandre aqui toda vida, curtindo essa curtidão? (BOJUNGA, 2003, 155)". Para Jung, uma história narrada conscientemente tem início, meio e fim; as dimensões de espaço e tempo no sonho são outras.

Para Joseph Campbell, mitos são os sonhos do mundo, sonhos arquetípicos que lidam com os magnos problemas humanos. Campbell afirma que tanto Freud, quanto Jung, perceberam que o mito se enraíza no inconsciente.

Muitos sonhos apresentam imagens e associações análogas a idéias, mitos e ritos primitivos, constituem em si uma ponte entre a maneira pela qual se transmitem conscien-

temente os pensamentos (referencial) e a forma de primitiva (simbólica) de expressar as idéias. “[...] Na vida cotidiana, precisamos expor nossas idéias da maneira mais exata possível e aprendemos a rejeitar os adornos da fantasia tanto na linguagem quanto nos pensamentos- perdendo, assim, uma qualidade ainda característica da mentalidade primitiva (JUNG, 1964, 45)”.

Observamos que os mitos são espaços de predominância da linguagem metafórica. Mas, de acordo com a lógica, não deveria ser esta linguagem primeira referencial, mais direta e menos complexa? O fato é que a linguagem simbólica foi o meio encontrado pelo homem primitivo para demonstrar a concretude em que vivia; a relação com a imagem era vital, porque os mitos falavam do dia-a-dia. Diante do homem, um mundo que se exibia enquanto história, e a sua linguagem precisaria reproduzir este contínuo movimento do mundo, do cosmos. A raiz da poesia está nestas primeiras manifestações simbólico-orais, que eram basicamente literárias. A linguagem poética é um meio de expressão mais intenso, próprio dos rituais coletivos, fantástico, rítmico, mágico.

Podemos apontar tanto na criança, quanto no homem primitivo, o raciocínio analógico; a concretude compensando a ausência de abstração. Em relação à criança: “Se lhe falta a completa capacidade abstrativa que a capacite para as complexas redes analítico-conceituais, sobra-lhe espaço para a vasta mente instintiva, pré-lógica, inclusiva, integral e instantânea; que só opera por semelhanças, correspondências entre formas, descobrindo vínculos de similitude entre elementos que a lógica racional condicionou a separar e excluir” (PALO & OLIVEIRA, 2001, p. 7). A arte é primordialmente concreta; exige então um pensamento que vá às raízes da realidade e seja, também, concreto”.

A figura de Alexandre refere-se a um grupo específico dos morros do Rio de Janeiro, obrigados pelas circunstâncias a abandonar os estudos e passar por uma série de privações (sacrifícios). Neste sentido podemos comparar Alexandre com um herói-mítico, pois sua função é modelar (o herói-mítico representava, por exemplo, uma comunidade ou o

primeiro homem), Os atos do herói-mítico refletiam na comunidade e a redimiam ou puniam; neste caso tanto os atos, quanto as conseqüências destes são individuais. No escuro, com medo, após a suposta “desinvenção” de Ah, Vera diz: “Tá vendo? Bem que eles disseram que a gente não podia passar pro lado de cá da cerca. É castigo” (BONJUNGA, 200, 137).

Em relação aos valores coletivos, em muitas das manifestações culturais inventadas pelo povo observamos homens, animais, vegetais, minerais, o universo enfim, integrando um todo, o Cosmo. Conseqüentemente, haveria uma prevalência dos valores coletivos em relação aos valores individuais, afinal, por este viés, o homem seria apenas parte de uma imensa engrenagem. Daí, também, idéias como as que imaginam que o homem possa falar com os animais e as imagens de animismo e personificação, estão presentes em **A Casa da Madrinha**. Afinal, tudo no mundo faria parte da mesma família.

Enquanto os mitos eram monológicos, porque originados em um contexto de diálogo entre o Homem e a Natureza (o Homem pergunta e responde); o oposto constatamos em **A Casa da Madrinha**, obra na qual várias vezes interagem compondo uma rede de vozes. Alexandre, ao contrário do herói-mítico, não reage simplesmente a sensações e sentimentos; demonstra inclinação para a introspecção, pois a obra faz parte de um repertório mais moderno, de uma sociedade que já descobriu a riqueza do inconsciente, pós-Jung, pós-Freud...

Quando finalmente “chega” à casa da madrinha, Alexandre observa tudo preparado para a sua vinda, emociona-se, não diz nada (reflete) e na voz do narrador: “Puxa vida, tudo preparado pra ele! E ele que tinha pensado que a vida dele era furada (Bojunga, 2003: 147)”. A prova mais evidente desta introspecção está no fato da fábula estar baseada na imaginação do herói- (diferentemente do herói mítico Alexandre não pode ser considerado um personagem-ação), condição esta que leva também a um final feliz (no território da imaginação).

Entre a comunidade e o xamã estabelecia-se uma espécie de diálogo, essa interação presente entre o xamã e a

comunidade, está presente em **A Casa da Madrinha**, representada pelo personagem Alexandre e seu irmão Augusto, dois os contadores de história, com uma evidente identificação mútua. O contador jamais dizia coisas que a comunidade não queria ouvir, pois neste caso seria considerado ineficiente e então marginalizado. Augusto correspondia exatamente às expectativas de Alexandre em relação às histórias. Esse interesse pode ser comprovado no texto por meio dos insistentes pedidos de Alexandre para ouvir mais, seja a continuação da história ou novas histórias. De adordo com, Qualquer um que se entregue a um trabalho de criação literária sabe que a gente se abre, se entrega, e o livro nos fala e se constrói a si mesmo. Até certo ponto, você se torna o portador de algo que lhe foi transmitido por aquilo que se chama as Musas, ou, em linguagem bíblica, Deus. “Uma vez que a inspiração provém do inconsciente, e uma vez que a mente das pessoas de qualquer pequena sociedade tem muito em comum, no que diz respeito ao inconsciente, aquilo que o xamã ou vidente traz à tona é algo que existe latente em qualquer um, aguardando ser trazido à tona” (CAMPBELL, 1990, 61)

Xamãs eram pessoas que, no final da infância ou início da juventude, passaram por alguma experiência psicológica transfiguradora, que as tenha levado a se voltar para si.

Apenas em ocasiões especiais, a comunidade se reunia para ouvir o Xamã; considerando que em diversos momentos unicamente os iniciados podiam ter acesso às “histórias”. Nesta obra de Lygia Bojunga, podemos constatar um momento específico para a contação de histórias: “Se de noite Alexandre custava a dormir, Augusto ficava inventando história pra ele. Se tinha coisa que Augusto gostava era de inventar história; Alexandre adorava escutar; às vezes ficavam inventando e ouvindo até o galo cantar (BOJUNGA, 2003, 57)”.

O Xamã, o contador, pode reverter-se também em um modelo para o ouvinte. Na obra, Alexandre re-conta as histórias de Augusto (que por sua vez era uma figura modelar para Alexandre) para Vera utilizando os mesmos recursos tanto formais (inclusive no momento de contar a sua história para ela), quanto de conteúdo. A partir da his-

tória primeira, a casa da madrinha, idealizada por Augusto, Alexandre cria as suas histórias e assim por diante- uma rede de histórias, que por meio da continuidade e do recontar se mantém vivas (tendo Vera como ouvinte que, como ele em relação a Augusto também demonstra interesse pedindo pela continuação, por mais histórias e finalmente criando, ou melhor, inventando junto ao contador). As histórias míticas, baseadas na oralidade, precisavam ser constantemente repetidas, muitas vezes encenadas (ritualisticamente) para perpetuarem-se. Exemplificando esta “rede de histórias” originadas de uma história matriz: durante a “viagem” para a casa da madrinha, Alexandre tem um pavão por companheiro, que tem a sua história (relatada pelo mesmo), da qual várias histórias, de vários personagens se desenrolam (do marinheiro das mil e uma namoradas, o Seu Joça, a gata da capa, a janela empenada...).

Falar em tradições populares é remeter a algo transmitido oralmente, ou seja, não é possível encontrar nos substratos populares algo como um “original”, modelos iniciais únicos a partir dos quais teriam surgido histórias e crenças. Contos, crenças e costumes vão sofrendo alterações e atualizações através da boca e da memória de seus transmissores, recebendo influências contextuais e até mesmo pessoais, afinal, todo contador deixa sua marca individual na história que conta.

A histórias infantis, em suas origens, eram destinadas ao público adulto. Estas obras que “falavam” tanto para crianças, quanto para e adultos, possuíam em comum características como popularidade e exemplaridade; todos os *clássicos* da literatura infantil surgiram no meio popular (ou em meio culto e depois se popularizaram em adaptações). Essa literatura inaugural nasceu no domínio do mito, da lenda, do maravilhoso; cujos traços estão ainda presentes (como demonstramos em **A Casa da Madrinha**) em obras contemporâneas voltadas ou não para o público infantil.

Nas tradições populares, crianças e adultos sempre compartilharam o mesmo universo. As classes populares medievais dividiam com suas crianças os fabliaux (narrativas

breves, alegres, anônimas, em geral abordando pequenos casos da vida cotidiana - adultérios, espertezas etc.) e os contos maravilhosos (de fadas ou de encantamento). Neste período, "popular" era equivalente a "bom para as crianças". Adultos e crianças, tanto no período medieval, como hoje, nas zonas rurais, favelas e em outros bolsões populares, sempre estiveram próximos, compartilhando dúvidas e perplexidades, dividindo crenças e mitos, enfrentando juntos, as dificuldades da luta pela sobrevivência.

Analisando dados da psicologia, a mentalidade popular e a infantil identificam-se por uma consciência primária na apreensão do *eu* interior ou da realidade exterior (seja o *outro*, seja o mundo). Isto é, o *sentimento do eu* predomina sobre a *percepção do outro* (seres ou coisas do mundo exterior). As relações são então estabelecidas entre o eu e o outro basicamente por meio da sensibilidade, dos *sentidos*, das *emoções*. Para Nelly Novaes Coelho, tanto em relação ao homem primitivo, quanto a criança, o conhecimento da realidade se dá através do sensível, do emotivo, da intuição... e não através do racional ou da inteligência intelectual, como acontece com a mente adulta e culta; em ambos predomina o pensamento mágico, com sua lógica própria, a mesma lógica que levou o personagem Alexandre a não duvidar das histórias de Augusto, tirando de Vera e não de seus pais, adultos (portanto regidos por uma outra lógica, sendo que nenhuma delas deve ser considerada inferior ou superior à outra), o direito de questionar a veracidade da existência da casa da madrinha.

Do espírito popular surge, por exemplo, a crença na existência de cidades e lugares utópicos como o paraíso (tudo, cedo ou tarde, vai retornar às origens, à pureza original). O paraíso, para Alexandre, corresponde à casa da madrinha, onde seus anseios podem ser concretizados, entre eles, o fim da sensação de fome (graças a um armário que dava comida à vontade), de frio (graças a outro que dava roupa); há a possibilidade de reencontrar pessoas ausentes (Alexandre reencontra Augusto e o Pavão reencontra a Gata de Capa). Além de ser um espaço em que o relógio não funciona, o tempo cronológico não conta. Neste "paraíso" Alexandre e Vera conviviam harmonicamente inde-

pendente de classes sociais e de meio de vida (urbana ou rural). Para Joseph Campbell, o único mito de que valerá a pena cogitar é o que fala do planeta, não da cidade, não deste ou daquele povo, mas do planeta e de todas as pessoas que estão nele. "E ele lidará exatamente com aquilo com que todos os mitos têm lidado - o amadurecimento do indivíduo, da dependência à idade adulta, depois à maturidade e depois à morte; e então com a questão de como relacionar esta sociedade com o mundo da natureza e com o cosmos" (CAMPBELL, 1990, p. 33).



NOTAS

- 1 - Lévi-Strauss sempre coloca aspas ao se referir a povos primitivos que, segundo ele, são simplesmente 'sem-escrita', sendo esta a qualidade discriminatória entre eles e nós.
- 2 - Alexandre conhece Vera no decorrer de sua "viagem para a casa da madrinha" e ela passa a ser desde então sua cúmplice e ouvinte.



REFERÊNCIAS

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**. São Paulo: Editora Moderna, 2000.

SEGOLIN, Fernando. **Personagem e Anti-Personagem**. São Paulo: Olho d'Água, 1999.

HUIZINGA, JOHAN. **Homo Ludens**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1938.

PALO, MARIA JOSÉ & D. OLIVEIRA, Maria Rosa. **Voz de Criança**. São Paulo: Editora Ática, 2001.

CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

MIRCEA, Eliade. **Mito e Realidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1963.

BOJUNGA, Lygia. **A Casa da Madrinha**. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2003.

JUNG, Carl G. **O Homem e seus Símbolos**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1997.

A autora é jornalista. Mestranda em Literatura e Crítica Literária na PUC-SP e bolsista do CNPq.